

A comunicação do emoji: *uma análise retórica sobre a interação verbal-visual em mensageiros instantâneos contemporâneos*

Raquel Klafke

Mestranda em Design pela USP
Graduação em Design
E-mail: Raquel.klafke@usp.br

Daniela Kutschat Hanns

Artista multimídia
Doutora em Artes pela USP
Professora do PPG-Design da USP
E-mail: dk.hanns@gmail.com

Recebido: 12 set. 2017

Aprovado: 28 nov. 2017

Resumo: O objetivo deste artigo é identificar as principais estratégias de atribuição de sentido aos *emojis*, ampliando a compreensão acerca da interação entre elementos verbais e não-verbais na linguagem digital cotidiana. Para isso, foi elaborado um instrumento de análise próprio a partir de Bonsiepe (2011), aplicado em um conjunto de capturas de tela de quatro usuários em condições próximas (idade, atuação e *software*). Como resultado, foram elaboradas algumas hipóteses acerca do uso dos signos digitais, indicando possibilidades para o campo do Design.

Palavras-chave: *Emoji*. Design Visual. Retórica. Verbal. Não-Verbal.

Abstract: This paper aims to identify the main strategies that provide meaning to *emoji*, widening the actual comprehension over the interaction between verbal and non-verbal elements on the digital everyday language. Thus it was developed a specific research instrument for analysis based on Bonsiepe (2011), which was applied on screenshots provided by four users with similar conditions (age, professional practice and software). As result, some hypothesis about those digital signs were formulated, indicating possibilities for the Design research field.

Palavras-chave: *Emoji*. Visual Design. Rethoric. Verbal. Non-Verbal.

Resumen: El objetivo de este artículo es identificar las principales estrategias de atribución de sentido a los *emojis*, ampliando la comprensión acerca de la interacción entre elementos verbales y no verbales en el lenguaje digital cotidiano. Para ello, se elaboró un instrumento de análisis propio a partir de Bonsiepe (2011), aplicado en un conjunto de capturas de pantalla de cuatro usuarios en condiciones próximas (edad, actuación y *software*). Como resultado, se elaboraron algunas hipótesis acerca del uso de los signos digitales, indicando posibilidades para el campo del diseño.

Palabras clave: *Emoji*. Diseño Visual. Retórica. Verbal. No-Verbal.

1. Introdução

De acordo com Lupton (2009), vive-se hoje uma situação de hipertrofia visual. Com o desenvolvimento tecnológico e consequente capacidade de reprodução de imagens em diversos suportes, emissores incorporaram a linguagem visual como estratégia de comunicação, criando uma espécie de alfabeto pictórico contemporâneo. Para Bonsiepe (2011), é natural compreender a inserção da modalidade não verbal como extensão, complemento ou até substituição da linguagem verbal. E, para ampliar sua eficácia comunicativa, a linguagem híbrida dispõe de mecanismos retóricos tanto quanto a comunicação puramente escrita.

Além de recursos fotográficos e artísticos, um tipo específico de ilustração tem ganhado destaque na comunicação digital contemporânea. São os pictogramas e ideogramas, que se propõem, em unidades semânticas pequenas e simplificadas, a transmitir conteúdos muito mais complexos. Por isso são amplamente utilizados na forma de *emojis* em conversas instantâneas, que exigem do emissor uma composição, e, do receptor, uma capacidade de interpretação rápidos.

Por se tratar de um tipo diferente de processamento cognitivo (KOHL, 1993) em uma situação comum no cotidiano de um espectro amplo de usuários, analisar e compreender as estratégias e uso e interpretação de *emojis* é importante para entender parte significativa da comunicação atual. Para isso, neste artigo são exploradas as figuras de linguagem, mecanismos retóricos importantes para a construção de sentido no pensamento verbal, como recursos significativos em mensagens visual-verbais.

Na primeira seção, 2 *Método*, serão descritos os passos para coleta de dados (capturas de tela) para interpretação de acordo com esquema de análise próprio, elaborado a partir de Bonsiepe (2011). O embasamento teórico será detalhado na seção 3 *Retórica verbal-visual: Conceitos*. Em 4, *Análise do objeto de estudo*, serão levantados alguns pontos a partir dos resultados obtidos do confronto entre o esquema de análise elaborado e as capturas de tela obtidas em dinâmica anterior. Na última parte, conclui-se que o esquema de análise corresponde ao objeto proposto, facilitando outros ângulos de estudo acerca do *emoji*.

2. Método

A proposta deste artigo é a elaboração de hipóteses acerca da interação entre texto (elementos verbais) e *emojis* (elementos não verbais) em processos de comunicação digitais. Não se pretende, portanto, o desenvolvimento de conclusões universais para o objeto de estudo em questão, mas sim caminhos possíveis para sua análise. Entende-se que a proposição de algo maior requer um processo diferente de coleta de dados, levando em consideração aspectos tecnológicos, culturais e etnográficos.

Para o escopo desse trabalho, foi fixado o maior número de variáveis possíveis, permitindo que o foco do estudo recaísse na relação entre texto e imagem em um determinado grupo de usuários. No total, foram conduzidas três etapas: (1) uma dinâmica para coleta de dados (capturas de telas); (2) a adequação dos critérios de análise encontrados em Bonsiepe (2011) ao objeto de estudo; (3) e o confronto entre as capturas de tela e o modelo elaborado para investigação.

2.1 Coleta de dados

Para a coleta de dados, estabeleceu-se um diálogo sobre temas pré-estabelecidos com quatro usuários de *emojis*, aqui identificados arbitrariamente pelas letras [Z], [M], [C] e [A]. Como *emojis* são mais utilizados entre pares de relação próxima, foi essencial que os quatro participassem do círculo de contatos da autora.

Os temas escolhidos foram suficientemente abrangentes para a expressão individual, e o objetivo da pesquisa foi mantido em sigilo para não afetar a qualidade das interações. Todos os usuários possuem ou possuíram, também, algum vínculo com áreas relativas a projeto, estando familiarizados com a relação entre imagem e texto. Cada momento de interação correspondia a um dia e hora fixos com tema correspondente pela plataforma *WhatsApp*, a exemplo do dia 24 de junho de 2017 com o tema “como foi a semana?”

Para as capturas de tela, estabeleceu-se o critério de uma captura por uso de *emoji* em bloco de texto, criando uma correspondência de 1:1 para a quantidade de

vezes que o recurso foi utilizado. A escolha do *WhatsApp* como plataforma se deu por seu pouco destaque a *stickers* e outros recursos similares, delimitando as estratégias de comunicação dos usuários.

A fim de garantir a apresentação consistente de *emojis* entre plataformas, pediu-se aos participantes uma captura de tela específica de seus respectivos *smartphones*, indicando qual conjunto de *emojis* estava disponível para interação e, conseqüentemente, o padrão de codificação de cada um. Confirmou-se, assim, o uso do padrão Unicode 9.0 para todos os envolvidos.

Na Tabela 1 está compilada a participação de cada usuário no processo. A pedido dos participantes, alguns trechos de conversa podem estar ocultos.

Quadro 1 – Relação entre participantes da pesquisa e material fornecido.

Usuários					Participação			
Identificação	Gênero	Idade	Modelo (Sistema)	Versão WhatsApp	Dia 1	Dia 2	Dia 3	Total
[Z]	♀	26	iPhone 6S (iOS v10.3.2)	n/d	6	6	8	20
[M]	♀	27	Moto G4 Play (Android 6.0.1)	n/d	2	5	6	13
[C]	♂	29	Zenfone 5 (Android 4.4.2)	n/d	4	3	1	8
[A]	♂	32	Moto G (Android 5.1)	n/d	-	-	6	6
Total					12	14	21	47

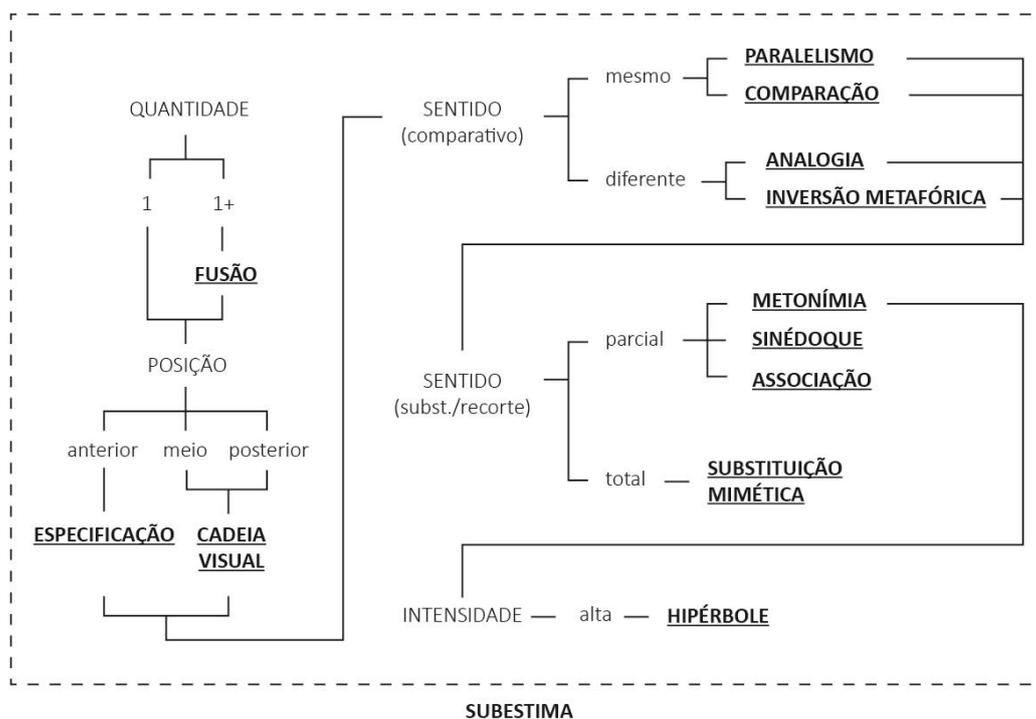
Fonte: elaborado pelas autoras. Julho de 2017.

2.2 Adequação dos critérios de análise

O uso de figuras de linguagem como critério de análise se mostrou mais complexo do que os exemplos da bibliografia de referência (BONSIEPE, 2011). Tal dificuldade decorre do potencial subjetivo de leitura e da possibilidade de sobreposição dos recursos retóricos. Para justificar o enquadramento de cada situação de uso em seu

respectivo critério, criou-se um modelo de leitura (Figura 1) para facilitar a compreensão do(a) leitor(a) e possível replicação do modelo.

Figura 1 – Modelo para montagem de esquema de análise visual.



Fonte: elaborado pela autora. Julho de 2017.

A adequação dos critérios, apresentados em detalhe na seção 3.1 *Patterns visual-verbais e novos comportamentos discursivos*, obedeceu às seguintes regras:

- a. Criação de um esquema linear de exclusão a partir do agrupamento de figuras de linguagem semelhantes. Assim, ao iniciar a leitura de uma captura de tela, devem-se fazer algumas perguntas-chave que conduzem o(a) leitor(a) a uma resposta possível, estreitando as possibilidades de interpretação do objeto de estudo. As perguntas elaboradas são:
 - Qual a quantidade de *emojis*?
 - Qual a posição relativa do(s) *emoji(s)* no texto em que está inserido?
 - Em relação a um mecanismo de significação por comparação, o(s) *emoji(s)* operam na mesma categoria semântica ou importam analogias de outras categorias?

- Em relação a um mecanismo de significação por substituição de conceitos, o(s) *emoji(s)* representam parte de um objeto ou representam a totalidade de um objeto?
 - Qual a intensidade do *emoji*?
- b. *Subestima como figura de linguagem comum*. Como o *emoji* busca ampliar ou reforçar uma mensagem em última análise a partir da exemplificação visual do texto, a *Subestima* (ou Exemplificação) é entendida como uma figura comum a todas as capturas;
- c. *Exclusão de figuras pouco ou não utilizadas*. Para simplificar o modelo de análise, foram excluídas as figuras *Metaplasmo* e *Tipograma*, pela baixa recorrência de *emojis* tipográficos ou fonéticos;
- d. *Equiparação entre Analogia e Metáfora*. Apesar de Bonsiepe (2011) considerar como duas figuras de linguagem diferentes, alguns autores (SACCONI, 2006) entendem a analogia como um processo lógico de comparação mais abrangente. Dessa forma a *Metáfora* seria o “emprego da palavra fora de seu sentido normal, por efeito da analogia (comparação)” (SACCONI, 2006, p. 372). No artigo, optou-se por utilizar o termo *Analogia* por sua abrangência.

2.3 Confronto entre dados e modelo de análise

Para exemplificar o modelo criado, será utilizada a captura de tela #5 do usuário [C] (*Figura 2*). Tem-se, então:

- Qual a quantidade de *emojis*? 1 *emoji*
- Qual a posição relativa do(s) *emoji(s)* no texto em que está inserido? Posição posterior à frase
- Em relação a um mecanismo de significação por comparação, o(s) *emoji(s)* operam na mesma categoria semântica ou importam analogias de outras categorias? Categorias diferentes, pois o *emoji (expressionless face)* não representa, inicialmente, cansaço
- Em relação a um mecanismo de significação por substituição de conceitos, o(s) *emoji(s)* representam parte de um objeto ou representam a totalidade de um objeto? Recorte parcial, pois utiliza um elemento (rosto) para representar um corpo cansado

A comunicação do *emoji*

- Qual a intensidade do *emoji*? Exagerada, pois a expressão é caricata

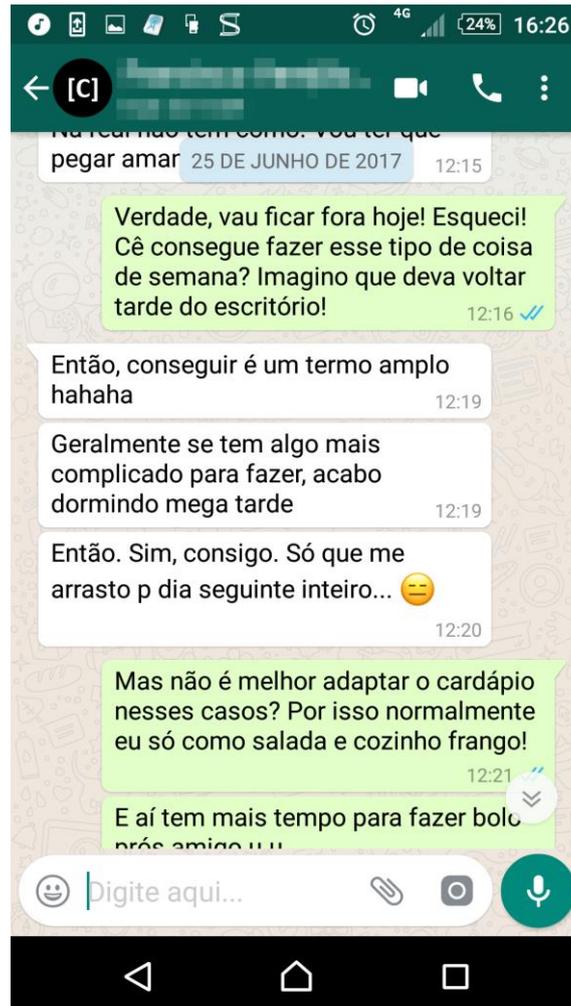
A imagem, então, apresenta as figuras de linguagem *Cadeia Visual* (*emoji* como continuidade de pensamento), *Analogia* (falta de expressão como analogia à expressão de cansaço), *Sinédoque* (rosto ao invés do corpo) e *Hipérbole* (expressão exagerada).

Quadro 2 – Modelo em tabela para registro dos critérios estipulados para análise.

Imagem [C]														
Aspecto	Quantidade de emojis		Posição do(s) emoji(s)			Atribuição de sentido ao(s) emoji(s)						Intens.		
	-	-	-			Mecanismo comparativo			Mecanismo substitutivo (recorte)			-		
Critérios	1	1+	Anterior	Médio	Posterior	Mesmo contexto	Contextos diferentes		Parcial		Total	Alta		
Patterns	-	Fus	Espec	Cad Vis		Para	Comp	Ana	Inv	Met	Sin	Ass	Mim	Hipe
5	X				X			X			X			-

Fonte: elaborado pelas autoras. Julho de 2017.

Figura 2 – Captura de tela #5 do usuário [C].



Fonte: elaborado pela autora. Julho de 2017.

A partir do resultado do conjunto, foram criadas algumas hipóteses acerca do uso de *emojis*. Os resultados podem ser vistos em detalhes na seção 4 *Objeto de estudo*.

3 Rétorica verbal-visual: conceitos

3.1 Patterns visual-verbais e novos comportamentos discursivos

Em seu texto *Retórica Visual/Verbal*, Bonsiepe (2011) sugere que a reinterpretação dos mecanismos tradicionais da retórica a partir das novas possibilidades de interação entre elementos verbais e visuais é útil ao campo do Design:

As sociedades industriais produzem e distribuem uma quantidade enorme de mensagens verbais e visuais, criando uma ansiedade da informação (*information anxiety*). [...] Nessa nova situação, pode-se atribuir à retórica

uma nova função de natureza cognitiva, em que os instrumentos retóricos são utilizados para *melhorar a compreensão das informações*. (BONSIEPE, 2011, p. 116-117 – grifo nosso)

A situação descrita anteriormente, caracterizada por um fenômeno de hipertrofia visual (LUPTON, 1999), exige dos emissores novas estratégias discursivas – ou *patterns* visual-verbais, que podem ser sintáticos ou semânticos. A definição desses padrões, originários das figuras de linguagem textuais, foi feita em um seminário na *Hochschule für Gestaltung Ulm*, em 1964, e teve seu estudo ampliado a partir de esforços do autor para incluir novos exemplos para cada categoria. O *Quadro 3* consiste em uma transcrição *ipsis litteris* das funções apresentadas em Bonsiepe (2011).

Quadro 3 – Lista de patterns visual/verbais.

Lista dos patterns visual-verbais
<i>Analogia visual/verbal</i> Uma comparação verbal é transferida ao campo visual por meio de sinais semânticos equivalentes
<i>Metáfora visual/verbal</i> O significado verbal é ilustrado visualmente
<i>Inversão metafórica ou re-metáfora</i> Este pattern faz uso da tensão entre o significado primário e secundário (transferido) de maneira tal que os significantes visuais ilustram o significado primário, tomando-o literalmente
<i>Metonímia visual/verbal</i> Um significado verbal é relacionado com outro ligado por meio de uma conexão temática; por exemplo, causa em vez de efeito, operação em vez de resultado, produtor em vez de produto
<i>Sinédoque visual/verbal</i> Uma parte representa o todo
<i>Especificação visual/verbal</i> O significante visual é acompanhado por um mínimo de texto para outorgar-lhe maior precisão semântica, possibilitando a interpretação
<i>Fusão visual</i> Um sinal visual é integrado num sistema de sinais em forma de supersinal (<i>supersign</i>). A conexão sintática sugere uma conexão semântica
<i>Paralelismo visual/verbal</i> Os significantes verbais e visuais se referem ao mesmo significado
<i>Transferência associativa visual/verbal</i> De uma série de sinais verbais, extrai-se um deles para ilustrar uma imagem (contexto associativo). O significado de um significante verbal é visualizado oferecendo para outro elemento associar-se com este significado. Através da justaposição sintática busca-se uma transferência semântica (um “empréstimo” semântico)
<i>Substituição mimética</i> Um sinal visual é inserido numa configuração sintática ocupando mimeticamente parte do espaço visual que corresponderia ao sinal visual dominante
<i>Subestima visual/verbal (understatement)</i> Entre significantes verbais e visuais existe uma relação de subestima. Uma concessão verbal é ilustrada com um significante visual
<i>Exagero (hipérbole)</i> O significado é visualizado de modo que exceda o padrão normal
<i>Tipograma</i> O significado das letras tipográficas (significante) é visualizado por intermédio das próprias letras.

<i>Cadeia visual/verbal</i> Um significado representado verbalmente é continuado e completado com significantes visuais
<i>Comparação visual/verbal</i> Uma comparação iniciada com sinais verbais é continuada com sinais visuais
<i>Metaplasmo visual/verbal</i> É um pattern de substituição usando a similitude fonética entre componentes semanticamente diferentes

Fonte: BONSIPE (2011, p. 118).

Apesar dos exemplos de Bonsiepe (2011) apresentarem possibilidades de análise para a linguagem publicitária (ou seja, com pouca ou nenhuma interferência do usuário e alto nível persuasivo), é possível transpor o mesmo sistema retórico para outros contextos de significações. A situação analisada neste artigo pressupõe um tipo específico de interação: a comunicação digital entre pares, que incorpora em seu processo variáveis e objetivos próprios, tais como tempo de resposta e relação com o conteúdo. A adaptação do *Quadro 3* às especificidades do objeto de estudo está detalhadamente demonstrada na seção 2.3 *Adequação dos critérios de análise*.

Oliveira e Paiva (2016) entende que a interação mediada pela tecnologia propicia o surgimento de novos comportamentos discursivos, que buscam traduzir aspectos multimodais da interação social (gestos, entonação, entre outros) por meio da relação entre texto e imagem. Gülşen (2016) aborda o assunto com mais profundidade sob uma perspectiva saussuriana, entendendo o recurso visual como forma mais adequada para ilustrar elementos paralinguísticos – em especial quando o conceito deriva de experiências subjetivas e sensíveis. Em termos cognitivos, o pensamento verbal (linear e socialmente construído) precisa de mais etapas para ser compreendido em relação ao pensamento não-verbal, que opera com várias informações em paralelo (KOHL, 1993).

A inserção de elementos visuais na comunicação contemporânea busca, portanto, uma maior precisão semântica (qualidade da comunicação presencial), ao mesmo tempo que a consegue por vias cada vez mais ágeis (sincronidade da comunicação presencial). A captura de tela #1 da usuária [Z] representa muito bem esse recurso. A frase "Sim, fiquei *online* especialmente por ti ♥", com o uso do coração, sintetiza outra mensagem: "Sim, fiquei *online* especialmente por ti, *porque tenho estima por você*". Um caractere apenas (♥) substitui cinco palavras encadeadas linearmente.

3.2 Emojis e regularidades sintático-semânticas

Neste trabalho, os elementos visuais que serão especificamente levados em consideração serão os *emojis*, recursos muito utilizados para complementar, enfatizar ou mesmo substituir uma determinada informação. De acordo com o relatório #51 do Consórcio Unicode (2017), *emojis* são

pictogramas (símbolos pictóricos) que são tipicamente apresentados em estilo cartunescos e usados alinhados ao texto. Eles representam coisas como rostos, tempo, veículos e prédios, comidas e bebidas, animais e plantas, ou ícones que representam emoções, sentimentos ou atividades. (DAVIS; EDBERG, 2017, tradução livre)

Para Oliveira e Paiva (2016), os *emojis* possuem uma gramática própria. Em termos sintáticos:

- a. *Emojis* funcionam como uma pontuação ao final de frases;
- b. *Emojis* são inseridos entre pensamentos completos;
- c. *Emojis* em sequência tendem a respeitar uma ordem de ações;
- d. *Emojis* de atitude aparecem antes de sua consequência.

Em termos semânticos:

- a. *Emojis* substituem palavras;
- b. *Emojis* expressam emoções;
- c. *Emojis* indicam afeto;
- d. *Emojis* intensificam mensagens;
- e. *Emojis* expressam ironia.

Infere-se, a partir disso, que *emojis* funcionam como caracteres tipográficos em conjunto com as palavras, complementando ou substituindo estruturas cujo valor semântico corresponde a um universo sensível de significados.

Gülşen (2016) traz outros aspectos dos *emojis*, especialmente em relação a fatores sociais. Primeiro, o autor cita a facilidade de inserção desses elementos na linguagem cotidiana, uma vez que são narrativas pictóricas práticas para a compreensão de emoções, especialmente por substituir expressões verbais equivalentes. Segundo, os *emojis* podem ser usados tanto em nível universal quanto local, representando especificidades culturais (como comidas, bandeiras e outros signos). Terceiro, a linguagem visual permite um tipo diferente de criatividade para comunicação,

permitindo diferentes tipos de associações por parte dos leitores. Por último, por serem signos cujo significado é socialmente construído, *emojis* possibilitam uma reflexão crítica sobre linguagem e representação, como a inclusão de pautas étnicas ou de gênero.

4 Análise do objeto de estudo

Para a formulação de hipóteses acerca do uso de *emojis*, foram coletados dados de quatro usuários diferentes, conforme detalhado na seção 2 *Método*. O resultado da análise a partir do esquema elaborado está apresentado no *Quadro 4*, dividido de acordo com as figuras de linguagem inicialmente propostas por Bonsiepe (2011).

Quadro 4 – Resultado do confronto entre as capturas de tela e o esquema de análise elaborado para o estudo. Em cinza, os três recursos mais utilizados.

Recorrência de <i>patterns</i> visual-verbais	[Z]	[M]	[C]	[A]	Total
Analogia	10	4	3	5	21
Inversão metafórica	3	2	1	-	6
Metonímia	1	3	2	1	7
Sinédoque	16	4	5	2	27
Especificação	2	1	-	-	3
Fusão	5	4	2	2	13
Paralelismo	7	9	3	1	20
Transferência associativa	1	3	-	1	5
Substituição mimética	2	2	1	2	7
Hipérbole	8	2	4	1	17
Cadeia visual	15	3	6	2	26

Levando em consideração o número total de capturas de tela (47), deduz-se:

- Em termos quantitativos, os usuários tendem a usar somente um *emoji* por vez (somente 13 ocorrências de *Fusão*);
- Em termos de posição, os usuários tendem a utilizar *emojis* ao final das mensagens (26 ocorrências de *Cadeia Visual*);
- Em termos semânticos, a atribuição de significado por mecanismos comparativos opera tanto com universos semânticos próximos quanto diferentes, com mais ocorrências em analogias (21 em *Analogia* e 6 em *Inversão metafórica*, em contrapartida a 20 *Paralelismos*);
- Em termos semânticos, a atribuição de significado por mecanismos de substituição opera em sua maioria por recortes parciais (27 ocorrências de *Sinédoque* e 7 ocorrências de *Metonímia*);
- Em termos de intensidade, pouco menos da metade das mensagens de cada usuário utiliza o recurso de *Hipérbole*.

4.1 Hipóteses

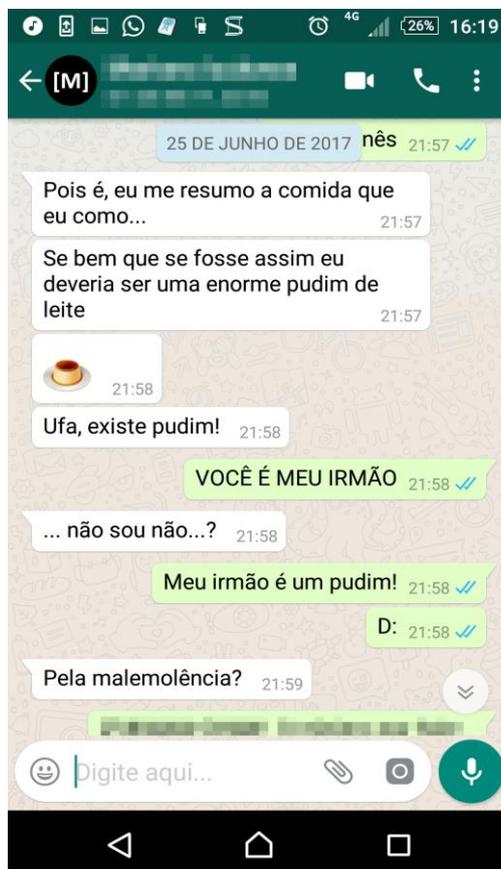
A análise do conjunto de imagens, além de seu panorama geral, possibilitou a indução de algumas hipóteses específicas a partir das leituras dos textos.

4.1.1. *Predomínio do pensamento verbal*

A quantidade de *emojis* utilizados e suas posições relativas no texto demonstram que a linguagem verbal ainda predomina sobre a não verbal, sendo o uso de signos visuais um complemento ao sentido do texto. Assim, por mais que retrate um sentido denotativo de linguagem, os *emojis* tendem a representar elementos paralinguísticos da comunicação. Isso pode indicar tanto que a comunicação digital ainda passa por um processo de alfabetização, quanto que a forma de expressão verbal ainda é a mais intuitiva entre o público-alvo.

A Figura 3 retrata um uso literal de *emoji*. Ao invés do simples uso do signo “pudim”, a palavra é escrita e descrita anteriormente, com a exemplificação visual como complemento da mensagem.

Figura 3 – Captura de tela #7 da usuária [M].

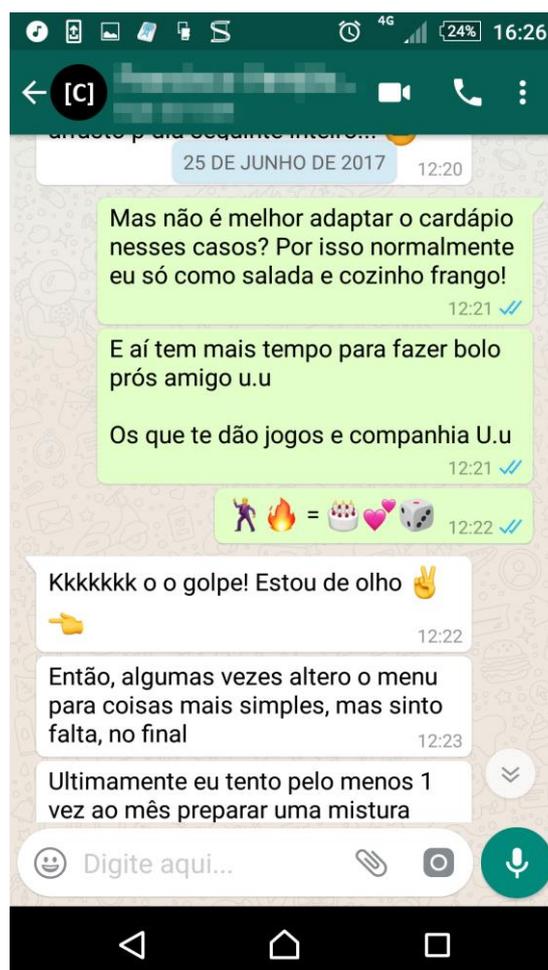


Fonte: elaborado pela autora. Julho de 2017.

4.1.2 Complexidade de representação

Para compor um movimento, um recurso possível é a associação de diferentes *emojis* para representar uma ação mais complexa. Na Figura 4, o usuário [C] representa uma ação popular na cultura brasileira, conhecida como “estou de olho”. Para efeito cômico e ilustrativo, ele faz uma combinação de dois elementos gestuais: uma mão com dois dedos levantados (ou a mão que sinaliza os olhos) e a mão com o indicado apontando (ou a mão que aponta para a outra pessoa), decompondo o resultado final em dois momentos estáticos.

Figura 4 – Captura de tela #6 do usuário [C].



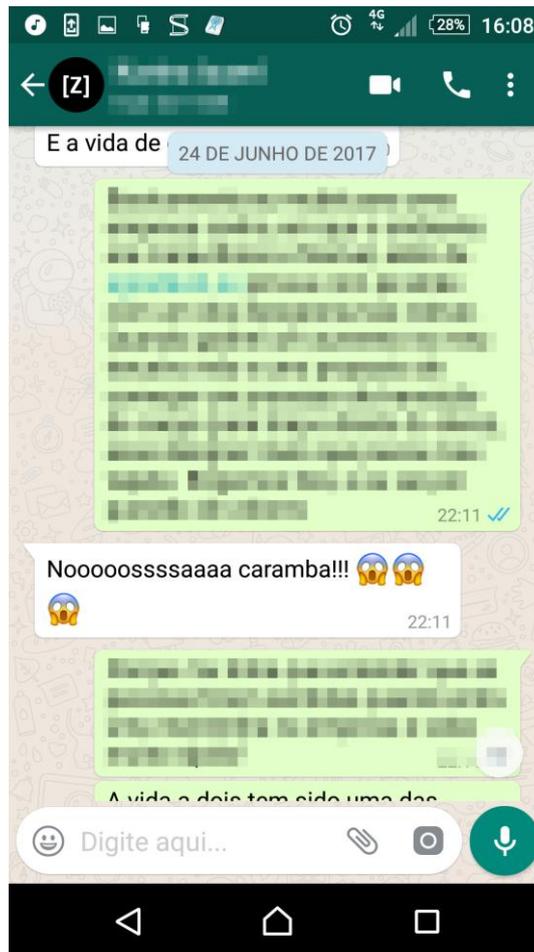
Fonte: elaborado pela autora. Julho de 2017.

4.1.3 *Caricatura como precisão semântica*

Apesar da hipérbole ser a figura de linguagem relacionada ao exagero, é sua inverossimilhança que confere maior precisão semântica; especialmente em se tratando de *emojis*. Isso ocorre pelo recurso padronizar um determinado tipo de emoção a partir de uma imagem socialmente compreendida como um signo correspondente. A hipérbole não ocorre só pela representação gráfica; mas também pela frequência de seu uso.

Para representar seu espanto, a usuária [Z] utiliza um *emoji* com elementos inverossímeis que contribuem para o sentido da mensagem, com uma posição similar à obra *O Grito*, de Vincent Van Gogh. Ela não fica, de fato, roxa de espanto, nem mesmo suas pupilas desaparecem; mas o recurso representa de modo universal a emoção que pretende transmitir.

Figura 5 – Captura de tela #3 da usuária [Z].



Fonte: elaborado pela autora. Julho de 2017.

Conclusão

As figuras de linguagem, inicialmente, foram definidas para organizar mecanismos retóricos de expressão conotativa da linguagem verbal. A partir da proposta deste artigo foi possível confirmar a posição de Bonsiepe (2011), que entende recursos visuais como parte intrínseca do processo comunicativo. O esquema de análise facilitou o levantamento de aspectos relacionados a *emojis* sob perspectivas variadas, demonstrando que esses signos operam, de fato, como unidades semânticas equivalentes ou próximas de palavras escritas.

Referências

- BONSIEPE, Gui. Retórica visual-verbal. In: **Design, cultura e sociedade**. São Paulo: Blucher, 2011, p. 113-140.
- GÜLŞEN, Tüge T. You Tell me in emojis. In: **Computational and cognitive approaches to narratology**, p. 354-375, 2016.
- LUPTON, Ellen. Graphic Design in the Urban Landscape. In: **Design and feminism: re-visioning spaces, places and everyday things**. Joan Rothschild (editora). Piscataway: Rutgers University Press, 1999. p. 57-65.
- OLIVEIRA, Marta Kolh de. O verbal e o não-verbal. In: **Revista USP**, 16, São Paulo, 1992, p. 52-61.
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A linguagem dos emojis. In: **Trabalhos em linguística aplicada**, v. 55, n. 2, Campinas, Maio/Agosto 2016. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/010318134955176321>>. Acesso em ago 2017.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Nossa gramática contemporânea**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- UNICODE. **Unicode technical report #51**: Unicode Emoji. Disponível em: <<http://www.unicode.org/reports/tr51/>> Acesso em ago 2017.